



3^a
**OFICINA
DE REDES**

**PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS:
TÉCNICAS E PRÁTICAS
DE COMUNICAÇÃO**

Relatório

Realização:

 **fundo brasil** de
direitos humanos

Patrocínio:

 **PETROBRAS**

| ÍNDICE |

DADOS GERAIS 5
SOBRE O RELATÓRIO 7
REDES PARTICIPANTES 9
ANÁLISE DE CONJUNTURA 11
<i>Debate 12</i>
<i>Conjuntura das redes 13</i>
<i>Projeto Fortalecendo Redes 15</i>
O ESCREVER 16
O DIÁLOGO 17
<i>Público 17</i>
<i>Textos 18</i>
<i>Mídia 19</i>
AVALIAÇÃO 20
QUEM SOMOS 21
CONTATOS 22

| DADOS GERAIS |

Nome do projeto:

Fortalecendo o protagonismo de redes e articulações na promoção de direitos humanos no Brasil

Proponente:

Fundação Fundo Brasil de Direitos Humanos

Cidade/Estado:

São Paulo/SP

Valor total do projeto:

R\$ 2.947.189,54

Período deste relatório:

12/05/2014 a 30/09/2014

Eventos realizados:

- 3ª Oficina de Redes – Produção de Conteúdos: técnicas e práticas
2, 3 e 4 de setembro de 2014, São Paulo-SP

Produtos de contrapartida:

- Materiais de comunicação da 3ª Oficina de Redes
- Cartilha de Comunicação – Produção de Conteúdos: técnicas e práticas
- Um vídeo sobre enfrentamento das violências de gênero

Valor a ser solicitado a Petrobras:

R\$ 486.286,27 (5ª parcela)

Sobre o relatório_

Este é o relatório parcial da 3ª Oficina de Redes, que ocorreu entre os dias 2 e 4 de setembro de 2014, fazendo parte do projeto “Fortalecendo o protagonismo de redes e articulações na promoção de direitos humanos no Brasil”, realizado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos, com o patrocínio da Petrobras.

Com o objetivo de promover o respeito aos direitos humanos no país, abordando estratégias de comunicação para expandir o impacto das ações desses grupos, esta terceira edição das oficinas de Redes teve como tema a “Produção de Conteúdos: técnicas e práticas”.

As atividades desta edição buscaram articular a análise da conjuntura social brasileira, em um primeiro momento, com a forma como os (as) participantes poderiam aprofundar seus conhecimentos nas técnicas de elaboração de conteúdos, as especificidades das várias mídias, bem como debater sobre as melhores estratégias para difundir informações, tendo como foco os públicos-alvo a quem se dirigem as várias ações de suas redes.

Além da articulação entre a análise de conjuntura e as atividades práticas para a produção de conteúdo ter sido uma demanda do grupo durante a última oficina, essa terceira edição buscou dialogar com a maior parte das ações de comunicação que vêm sendo desenvolvidas pelas redes no curso de seus trabalhos. A importância das atividades é ainda maior diante da necessidade de atualização das leituras sobre a sociedade brasileira em um momento de eleições gerais, cujos resultados podem impactar a continuidade de campanhas veiculadas pelas redes e, conseqüentemente, a produção de textos diversos a serem elaborados por elas.

A dinâmica da oficina se dividiu em dois momentos: na manhã do primeiro dia, foi realizada uma análise de conjuntura pelo diretor presidente do Fundo Brasil, Sérgio Haddad, e pela coordenadora da organização Criola, Lúcia Xavier. Já no período da tarde, representantes dos movimentos e grupos presentes expuseram suas avaliações quanto ao contexto em que estão inseridas as suas lutas.

No segundo e terceiro dias, foi realizada a oficina propriamente dita, visando construir coletivamente estratégias de comunicação. A programação foi elaborada com o objetivo de ampliar o conhecimento do grupo em “Comunicação e direitos humanos”, apresentando elementos práticos e promovendo um debate sobre formas eficazes de divulgar as ações das redes participantes, ajudando, assim, a construir a cidadania com temáticas de direitos fundamentais.

Também durante o período de organização e realização da Oficina, foi produzido um vídeo sobre enfrentamento das violências de gênero para ser veiculado em diferentes plataformas de divulgação do Fundo Brasil.

3ª OFICINA DE REDES – PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS: TÉCNICAS E PRÁTICAS

QUARTA - 3/9	QUINTA - 4/9	SEXTA - 5/9
9h - 12h30 <ul style="list-style-type: none">· Abertura· Análise de conjuntura 1	9h - 12h30 <ul style="list-style-type: none">· Abertura da oficina· Como você escreve?· Como escrevemos?	9h - 12h30 <ul style="list-style-type: none">· Roda· Mão na massa 1· Como funciona a imprensa?· Mão na massa 2
12h30 - Almoço no local do evento	12h30 - Almoço no local do evento	12h30h - Almoço no local do evento
14h - 16h <ul style="list-style-type: none">· Análise de conjuntura 2	13h30 - 17h30 <ul style="list-style-type: none">· Mapa dos textos· Mapa dos públicos· Como estabelecer o diálogo pelo sim a partir das características do público· Dicas para conquistar corações e mentes e o diálogo de fato acontecer	14h - 16h <ul style="list-style-type: none">· O bonito sempre começa· Fechamento da oficina· Avaliação
18h30 <ul style="list-style-type: none">· Atividade cultural no local do evento	Livre	Retorno dos(as) participantes

| REDES PARTICIPANTES |

Enfrentamento ao genocídio da juventude negra

- Articulação Política de Juventudes Negras
- Círculo Palmarino
- Fejunes - Fórum Estadual de Juventude Negra do Espírito Santo
- Monabantu - Movimento Nacional Pelo Povo Bantu
- Renajoc - Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores
- Rede de Jovens do Nordeste

Enfrentamento à violência contra as mulheres e a população LGBT (feminicídio, lesbofobia, homofobia e transfobia)

- Articulação de Mulheres Negras Brasileiras - AMNB
- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT
- Coletivo de Mulheres Negras Louva Deusas
- Movimento de Mulheres Camponesas - MMC

Promoção do direito à cidade (impactos dos megaeventos esportivos)

- ANCOP - Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa

Proteção de defensores de direitos humanos

- Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social
- Movimento Nacional de Direitos Humanos
- Plataforma Dhesca Brasil
- Justiça Global

Defesa do direito à terra e ao território (comunidades quilombolas e povos indígenas)

- APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
- CONAQ - Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

Análise de Conjuntura

Com o objetivo de contribuir com a prática das redes participantes, a 3ª Oficina de Redes contou, logo em seu primeiro dia (02/09), com debate sobre a conjuntura social brasileira. Na abertura das atividades, a coordenadora executiva do Fundo Brasil, Ana Valéria Araújo, destacou a importância de se analisar a conjuntura política do país e em que medida ela dialoga com as demandas e a atuação das próprias redes, refletindo sobre o ambiente em que estão inseridas as suas ações de comunicação.

Iniciando com uma análise de conjuntura econômica, o diretor presidente do Fundo Brasil de Direitos Humanos, Sérgio Haddad, apresentou o dado de que o PIB brasileiro caiu 0,6% no segundo trimestre se comparado com os três primeiros meses de 2014. Em relação ao segundo trimestre de 2013, houve uma redução de 0,9% do PIB.

Segundo Haddad, com ampla discussão no atual debate eleitoral, as propostas para a política econômica do país têm se fundamentado na busca pela estabilidade do tripé econômico: equilíbrio orçamentário, redução da inflação e controle do câmbio monetário. De acordo com ele, o Brasil passa por um processo de evidente recessão e diminuição de investimentos. “Desde a crise de 2008, há uma redução na indústria, no consumo e nos investimentos. O agrobusiness cresce, mas o processo de recessão se dá, principalmente, pela redução do investimento do setor industrial”, afirmou Sérgio.

Quanto às propostas dos (as) principais candidatos (as) à presidência, o diretor presidente do Fundo Brasil pontuou que, se por um lado, alguns candidatos apostam no retorno a uma política ortodoxa fundamentada no tripé econômico - o que significaria colocar a economia como prioridade frente a questões sociais - a candidata da situação insiste na avaliação de que a crise atual é transitória e de que as condições econômicas do país vão melhorar.

Na segunda análise de conjuntura do dia, ainda no período da manhã, a coordenadora da organização Criola, Lúcia Xavier, destacou que o período atual revela dois desafios para a população brasileira: o primeiro é a própria decisão sobre o voto e o segundo sobre qual o tipo de política que se buscará garantir frente aos modelos econômico e de desenvolvimento vigentes.

Quanto às eleições, Lúcia chamou a atenção para o grande número de propostas conservadoras não apenas no campo econômico, mas também quanto a questões políticas e sociais. “Mesmo com a oportunidade da candidatura de uma mulher negra, começamos a temer por posturas como a defesa da criminalização do aborto e o fortalecimento dos grupos evangélicos fundamentalistas e dos (as) que se somam ao movimento de negação de direitos”, destacou.

A intensificação de pautas conservadoras, segundo Lucia Xavier, impõe reflexões não só quanto ao tipo de democracia em que vivemos, mas também quanto aos ataques às convenções que asseguram os direitos humanos. “Os pactos que asseguram direitos vêm sendo atacados por



Sérgio Haddad analisa que o Brasil passa por um processo de recessão

todos os lados, fortalecendo práticas racistas, sexistas e homofóbicas. Em que pese o avanço de políticas para a garantia de direitos básicos, há uma renovação das ideias da elite de como tratar os problemas sociais. E isto não se refere apenas a um setor ou grupo específico, mas a propostas conservadoras resultantes de um processo político bem orquestrado e que se refletem nas atuais candidaturas”, afirmou.

DEBATE

Após as análises de conjuntura de Sérgio Haddad e Lúcia Xavier, representantes das redes destacaram a necessidade de se discutir sobre a regulamentação das mídias. Tal demanda teria se intensificado a partir das agressões a comunicadores (as) durante as jornadas de junho de 2013 e as manifestações contra os megaeventos para a realização da Copa do Mundo de 2014.

Diante de incertezas quanto ao atual processo eleitoral, os participantes questionaram as perspectivas para a atuação dos movimentos sociais e os riscos de perda dos direitos já alcançados. Indagou-se quanto à existência ou não de um projeto político para a classe trabalhadora. “Nenhum dos (as) candidatos (as) têm uma proposta de transformação para uma nova sociedade”, constatou uma das pessoas presentes.

Quanto à questão da regulamentação dos meios de comunicação, Lúcia Xavier constatou que não só esse, mas vários outros direitos têm sido colocados em cheque. “Existe um processo contínuo de negociação até mesmo dos direitos que já foram conquistados, sendo que nossa sociedade hierarquizada atua em torno dos interesses de alguns de seus grupos e, desta forma, passa por cima de muitos outros”, afirmou. Para ela, é importante que os movimentos sociais se posicionem de forma corajosa e que reivindiquem outro projeto político para o país.

Segundo Sérgio Haddad, não existe uma disputa de projeto do ponto de vista da classe trabalhadora, nem no Brasil, nem no restante do mundo. “Estamos vivendo em um mundo em que a disputa é entre um capitalismo selvagem ou neoliberal e um capitalismo com propostas reformistas”, analisou. Para ele, o país vive um período de “não-política”: “ninguém discute

o papel dos (as) parlamentares e dos governos estaduais, por exemplo. Precisamos politizar o debate para mudar a forma como está sendo colocado e só é possível fazer isso com a participação dos movimentos sociais que ainda não entraram neste jogo”.

CONJUNTURA DAS REDES

No período da tarde do primeiro dia, representantes das redes apoiadas pelo Fundo Brasil no âmbito deste projeto apresentaram análises de conjuntura avaliando o contexto em que estão inseridas as suas reivindicações.

Ao tratar sobre o enfrentamento à violência contra as mulheres e a população LGBT, Daniela Luciana Silva, da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, destacou o aumento da pressão de grupos religiosos conservadores, tanto no poder legislativo, quanto na candidatura pelo poder executivo federal. “Nós trabalhamos com um contradiscurso em relação à família como uma estrutura ‘ideal composta por um homem e uma mulher casados no sagrado matrimônio’ e não conseguimos enxergar uma solução em um partido político específico”, relatou. Apesar dos avanços com a atuação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Secretaria de Direitos Humanos (SDH) e Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), do governo federal, Daniela apontou que um dos problemas é o orçamento reduzido e a baixa execução dos recursos destas secretarias. A representante destacou ainda a necessidade de fortalecimento entre o movimento de mulheres e o movimento LGBT: “há uma construção histórico-cultural para que estes dois movimentos caminhem separados, mas nossa campanha [Todas as vozes contra a violência de gênero] é uma inflexão neste sentido”.

Apontando a mesma questão do orçamento da Seppir como um dos limites para o enfrentamento ao genocídio da juventude negra, o representante do Fórum Estadual da Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes), Lula Rocha, reforçou a importância de um processo de resistência cultural contra o racismo e suas novas formas de expressão. Quanto à campanha contra o genocídio da juventude preta e parda, o representante do Fejunes lembrou que, além do aumento de mortes de jovens negros(as), há um “superencarceramento” desta população. “O Estado brasileiro não só encarcera, mas tem práticas de tortura que buscam tirar a humanidade do povo negro. Além disso, a falta de diálogo com as políticas de segurança pública causam o recrudescimento da violência”, conclui Lula.

Diante do aumento do conservadorismo e do fundamentalismo, o representante da Plataforma Dhesca Brasil, Anderson Luiz Moreira, chamou a atenção para a ausência de políticas públicas que atuem na proteção de defensores(as) de direitos humanos ameaçados(as) de morte. “Não há nada que garanta que estas pessoas continuem atuando com a devida segurança para elas e suas famílias”, afirmou Anderson. E complementou: “o nosso grande desafio agora não é só concluir as atividades até o fim da parceria com o Fundo Brasil, mas poder dar continuidade à campanha que iniciamos e pautar o governo independente de quem for eleito”.

Ao falar sobre a atuação pela promoção do direito à cidade e, principalmente, contra os impactos adversos da realização da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 no



Lúcia Xavier chama atenção para conservadorismo nas propostas de eleição

Brasil, o representante da Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (Ancop), Argemiro Ferreira, destacou a importância do trabalho em rede para o combate à repressão que esses comitês sofreram. “Trabalhamos com diversas redes e de maneira plural, de forma que pudemos construir um acúmulo político e fazer com que a responsabilidade de nossas ações fossem de todos(as)”, relatou Argemiro.

Para o representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Paulino Montejo, é preciso fortalecer as ações dos movimentos e organizações da sociedade civil para lidar com o desafio de uma luta ideológica, institucional e social. “Não podemos abrir mão de reivindicar um modelo distinto de sociedade e de desenvolvimento para nossos povos, comunidades e organizações”, defendeu.

Os problemas para a demarcação de território também foram levantados pela representante da Coordenação Nacional de Articulação das comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), Núbia de Souza. Segundo ela, há uma disputa pela soberania do povo quilombola no Brasil, que vive um “racismo ambiental e social”. Um dos maiores problemas do movimento quilombola no país, de acordo com a representante da Conaq, está nos conflitos com representantes do agronegócio. “Somos metralhados(as) praticamente todos os dias pelos(as) ruralistas. Mas independente do(a) candidato(a) que ganhar as eleições, continuaremos lutando da mesma forma como lutamos desde antes de 1888”, concluiu.

PROJETO FORTALECENDO REDES

Após o término das falas dos(as) participantes, a coordenadora da organização Criola, Lúcia Xavier, destacou pontos positivos que a surpreenderam no projeto Fortalecendo Redes. “É muito interessante o fato de se evidenciarem perspectivas diferentes, mas que trazem bons resultados”, comentou. Quanto às análises de conjuntura apresentadas, Lúcia elencou a questão indígena como um termômetro para observar o contexto em que estão inseridas as ações dessas redes. “Há doze anos, acreditávamos que ao menos a questão indígena seria resolvida. E, considerando o relato do Paulino, vemos a necessidade de reforçar a denúncia sobre como ainda estão ocorrendo as violações de direitos humanos no Brasil”, ressaltou Lúcia.

Sobre a realização do projeto, o diretor presidente do Fundo Brasil, Sérgio Haddad, destacou a importância do fortalecimento não só dos movimentos, de uma maneira geral, mas também da comunicação como ferramenta estratégica em suas lutas específicas. “Só vamos dar conteúdo ao debate político com os movimentos pressionando, apresentando suas demandas e criando uma análise a partir da base da sociedade. Não é possível conceber políticas que se fundamentem em perspectiva técnica e operacional, sem contar com a contribuição de todos(as) para os momentos de transição e de crise, como o que vivemos. A saída é que a força dos movimentos seja usada mais para empurrar as políticas do que para se defenderem”, concluiu o diretor.

O escrever_

O segundo e o terceiro dias da Oficina de Redes foram coordenados pela professora do curso de jornalismo da faculdade Cásper Líbero, Bianca Santana, que abordou técnicas e práticas de escrita, visando facilitar a produção de conteúdos dos (as) participantes que já trabalham na área de comunicação de suas organizações e movimentos sociais.

Para a educadora, a metodologia empregada aprofunda os conhecimentos para uma boa escrita e nas especificidades dos vários tipos de mídia, além de proporcionar o debate sobre estratégias possíveis de se adotar a partir das facilidades e dificuldades comuns entre os (as) presentes. Utilizando a educação popular – que “parte do que as pessoas já sabem e fazem para compartilhar conhecimentos” – Bianca trabalhou métodos para auxiliar na produção de textos.

Em um primeiro momento, o grupo foi convidado a “concordar plenamente”, “discordar” ou “ficar em cima do muro” a partir de frases utilizadas frequentemente em relação ao ato de escrever. Algumas destas frases eram lidas por Bianca e os (as) participantes, de acordo com sua opinião, deveriam escolher um dos lados ou se posicionar sobre a linha que dividia a sala.

“Escrever é seguir uma forma que funcione”. A partir desta primeira sentença proposta, surgiram argumentos que defendiam tanto “o talento e a inspiração” como pré-requisitos para que esta forma dê certo, como posições descrentes em métodos prontos para escrever de maneira mais eficiente. A maioria, no entanto, entrou em acordo quanto ao fato de que conhecer técnicas de escrita contribui com a prática de se comunicar. Outra frase utilizada foi: “é impossível passar uma mensagem complexa em um texto pequeno”. Em relação a esta, os(as) participantes destacaram que, em suas experiências, textos concisos facilitam no diálogo com a sociedade.

Bianca, em seguida, pediu que as pessoas expressassem, somente em duas palavras, suas expectativas em relação à oficina. O exercício deu origem à seguinte “nuvem de palavras”:



O diálogo_

PÚBLICO

A 3ª Oficina de Redes debateu também a difusão de ideias e informações na sociedade. O desafio para isso é grande, já que o grupo e a facilitadora apontaram que uma das características marcantes das Redes participantes é dialogar em muitos gêneros textuais e com públicos heterogêneos. Para que a comunicação chegue à sociedade, é necessário que se saiba “como e para quem falar”.

Com o intuito de localizar esses principais gêneros e públicos, Bianca sugeriu ao grupo que refletisse sobre os textos que comumente produzem e com quem os movimentos estão dialogando, quais as suas características e como procuram atingir seus objetivos por meio da comunicação. Cada participante, então, escolheu dois gêneros textuais mais utilizados por eles em seu dia a dia. Os critérios sugeridos pela facilitadora foram os seguintes: Qual texto é mais difícil de escrever e qual a importância de determinado gênero textual para se comunicar com a sociedade?

O resultado da atividade proposta pode ser observado na seguinte “nuvem de gêneros textuais”:



Os gêneros mapeados, portanto, como os mais difíceis e importantes para a comunicação das Redes foram: notícia, nota pública, cartilha e artigo de opinião. Bianca, então, fez uma breve análise dos elementos necessários para a construção desses quatro gêneros textuais e de como eles podem ser usados de maneira estratégica na comunicação das Redes. Em seguida, ela apresentou um desafio: que os (as) participantes, dentro da própria Oficina, produzissem textos nesses gêneros considerados mais cruciais em suas ações. Essa produção ajudou a pautar um debate sobre critérios de noticiabilidade (como amplitude, frequência, caráter inesperado e



A educadora Bianca Santana explica à(os) participantes as atividades da oficina



Participantes realizam atividade de produção de texto durante a 3ª Oficina de Redes

clareza), a necessidade de uma argumentação consistente que ajude na defesa da ideia e no diálogo com o(a) leitor(a) e a coerência na escrita como instrumento que o(a) autor(a) vai usar para conseguir encaixar as “peças” do texto e dar um sentido completo a ele.

TEXTOS

A Oficina também abordou formas de estabelecer uma efetiva comunicação dialógica com cada público e, por meio de dicas da facilitadora, foram aplicados conceitos de sentido, significado, contexto, conflito e argumentação para auxiliar em uma “conversa com corações e mentes”, ou seja, que dialogue com aspectos emotivos e intelectuais do indivíduo que lê o texto. Essas técnicas de redação - com ênfase na construção de mensagens inteligíveis, coerentes e bem elaboradas - visaram ajudar na capacitação do(a) militante para comunicação com seus públicos. Para Bianca, é necessário, ao dominar essas técnicas, saber “convidar” as pessoas a lerem os textos e dar novos sentidos para as palavras e ideias. Para isso, ela pediu aos (às) participantes que analisassem e reestruturassem os textos produzidos anteriormente, utilizando os conceitos, técnicas e discussões construídas na Oficina.

No artigo de opinião, os(as) autores(as) do texto, baseados nas conversas realizadas sobre uma comunicação dialógica, realocaram trechos para, assim, “conquistarem” a atenção dos (as) leitores (as). Na nota pública, o grupo empregou uma metáfora para reforçar o compromisso dos movimentos com seu público, aproximando as pessoas do conteúdo a ser comunicado. Quanto à produção da notícia, manteve-se uma linguagem próxima dos veículos convencionais de comunicação para, assim, dialogar com a linguagem recebida pelas pessoas diariamente por meio dos jornais. Já na cartilha, os (as) autores (as) apenas fizeram alterações em relação à coesão do texto.

Ao final da dinâmica, Bianca disponibilizou a Cartilha de Comunicação que fundamentou a 3ª Oficina de Redes por meio da Wikiversidade - projeto da Wikimedia Foundation que se propõe a ser um ambiente virtual livre e aberto para debater educação e estudos de maneira geral. Por meio dessa ferramenta, é possível compartilhar textos e construí-los de maneira colaborativa. Ela convidou, então, o grupo a editar a cartilha para que, assim, o material possa ser utilizado pelos (as) participantes em seus locais de origem, ou consultado na internet por outros movimentos e organizações, ajudando, portanto, na elaboração de futuras cartilhas e projetos.

MÍDIA

A Oficina também permitiu que os (as) participantes pudessem analisar as principais características do mercado de comunicação, por meio de diálogo com o colunista do jornal Brasil Econômico, Gilberto Nascimento. O jornalista, que já trabalhou em veículos como Carta Capital, Istoé, Folha de São Paulo e Globo, conversou com os(as) participantes sobre as estruturas de funcionamento da grande mídia e a possibilidade de abertura dos meios de comunicação para pautas sociais. Segundo ele, as mídias têm força, mas não são as únicas vozes que podem ser utilizadas para se atingir a sociedade: é necessário analisar que o jornalismo se transformou e que a comunicação se tornou mais fluida. Isso pode auxiliar os movimentos sociais, estimulando-os a articularem suas próprias redes de informação e pautarem a grande mídia.

Este desafio de atingir novos públicos foi amplamente discutido pelo grupo. Os(as) participantes alegaram que os movimentos sociais não perderam espaço no diálogo com a sociedade e que, apesar da grande mídia insistir nessa teoria, estão produzindo junto à realidade das pessoas, realizando vários trabalhos de base. Foi colocada, também, a necessidade de se apresentar alternativas de contrainformação ao universo das empresas de comunicação e de se analisar como o discurso hegemônico pode ser desconstruído por redes bem articuladas como, por exemplo, a rede social facebook, apresentada pelos (as) presentes como facilitadora de relações com seus públicos-alvo.

Outro ponto debatido com o jornalista Gilberto Nascimento foi a necessidade de uma “ocupação ativa” da grande mídia. Para os (as) presentes, a população deve sair da condição alienada de “consumidora de informações” de grandes jornais, tevês, rádios e portais para discutir o sistema de serviços de concessões públicas para comunicação. Isso necessariamente passaria pela democratização dos meios de comunicação e pela união entre as redes, no sentido de “somarem forças” na construção de canais alternativos às mídias empresariais.

Encerramento da 3ª Oficina de Redes
Produção de Conteúdos: técnicas e práticas



Avaliação

3ª Produção de Conteúdos: Técnicas e Práticas de Comunicação
São Paulo, 2, 3 e 4 de setembro de 2014.

1. Participação da (o) convidada (o) em %.	Excelente	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Não respondeu
Lúcia Xavier (Criola)	40	36	24	0	0	0
Sergio Haddad (Diretor Presidente do Fundo Brasil)	8	40	36	16	0	0

2. Conhecimento mútuo: Facilitadora, Participantes e Equipe do Fundo Brasil em %.	Excelente	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Não respondeu
Como você avalia o conteúdo e a metodologia oferecidos pela facilitadora Bianca Santana?	44	36	20	0	0	0
Troca de experiências	16	48	28	8	0	0
Integração entre participantes	16	52	28	4	0	0
Comunicação entre participantes	4	44	36	16	0	0
Atuação da equipe do Fundo Brasil na oficina	48	52	0	0	0	0
Comunicação da equipe do Fundo Brasil com participantes	28	48	24	0	0	0

| QUEM SOMOS |

Instituidores

Abdias do Nascimento (1914-2011)
Margarida Genevois

Dom Pedro Casaldáliga
Rose Marie Muraro (1930-2014)

Conselho Curador

Darci Frigo - *Presidente*
Anamaria Schindler - *Secretária*
Átila Roque
Denise Dora
Gersem Luciano (Baniwa)
Jacqueline Pitanguy
Jorge Eduardo Durão

Juana Kweitel
Jurema Werneck
Kenarik Boujikian Felipe
Letícia Sabatella
Sérgio Haddad
Sueli Carneiro

Conselho Fiscal

Marcos Fuchs - *Presidente*
Mário Monzoni - *Vice-Presidente*
Marcos José Pereira da Silva
Rubens Naves
Werner Fuchs

Diretoria

Sergio Haddad - *Diretor Presidente*
Denise Dora - *Diretora vice-presidente de Finanças*
Jorge Eduardo Durão - *Diretor vice-presidente de Formação*
Sueli Carneiro - *Diretora vice-presidente de Projetos*

Equipe

Ana Valéria Araújo - *Coordenadora Executiva*
Ana Carolina Henriques - *Analista de Projetos*
Célia Elizabete F. da Luz - *Auxiliar de Limpeza*
Débora Borges - *Assessora de Comunicação*
Élida Miranda - *Assessora de Projetos*
Gislene Aniceto - *Coordenadora Administrativa e Financeira*
Maíra Junqueira - *Coordenadora de Desenvolvimento Institucional*
Maria Chiriano - *Assistente de Projetos*
Mayk Cardoso - *Analista Financeiro*
Regiane Trajano - *Assistente Administrativa*
Taciana Gouveia - *Coordenadora de Projetos*
Thamara de Carvalho - *Auxiliar de Desenvolvimento de Parcerias*
Aline Lopes - *Estagiária de Secretariado*

São Paulo, 30 de setembro de 2014.

Ana Valéria Araújo
Coordenadora Executiva



fundo brasil de
direitos humanos

Rua Santa Isabel, 137 - Conjunto 42
São Paulo, SP - 01221-010 - Brasil
Tel. +55 11 3256-7852
comunicacao@fundodireitoshumanos.org.br
www.fundodireitoshumanos.org.br
facebook.com/fundobrasil
twitter.com/fundobrasil



|| **fundo brasil** de
direitos humanos

www.fundodireitoshumanos.org.br | facebook.com/fundobrasil | twitter.com/fundobrasil